

O DISCURSO MÉDICO-PSIQUIÁTRICO EM DEFESA DO ESPIRITISMO NA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1920

Artur Cesar Isaia *

No início dos anos 1920 uma voz isolada vai aparecer, defendendo o espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Assim, em 1922, Brasília Marcondes Machado apresenta uma tese àquela instituição, na qual defendia a possibilidade de um diálogo entre a ciência médica e o espiritismo. Mais do que isso, a tese advogava a necessidade de revisão dos princípios norteadores da medicina psiquiátrica, propondo a esta o reconhecimento da sobrevivência da alma e a possibilidade do contato com os espíritos. A tese intitulava-se “Contribuição ao estudo da Psiquiatria (Espiritismo e Metapsiquismo). Logicamente, a tese foi reprovada e é na sua reprovação que reside, em nossa opinião, o interesse maior deste documento. A reprovação é mais uma evidência das lutas entre médicos e espíritas, que acompanham a consolidação da psiquiatria no campo científico e do espiritismo no campo religioso brasileiro, na primeira metade do século XX. Esta polêmica foi estudada, entre outros, por Giumbelli, que evidenciou a tendência a uma condenação substantiva ao espiritismo por parte dos médicos brasileiros, ao contrário do discurso jurídico, que tendeu a criminalizar o chamado “baixo espiritismo”, tolerando, por sua vez, o espiritismo praticado pela elite letrada.. Sem entrar na discussão sobre uma possível falta de consistência científica na tese reprovada, uma análise da argumentação desenvolvida pelo autor mostra a sua total falta de sintonia com a posição institucional. É necessário, portanto, acompanharmos os contornos desta posição institucional para entendermos o enorme hiato entre a mesma e a tese defendida. Assim, vamos ver que, na década de 1920, a psiquiatria ensinada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, era altamente tributária do trabalho do baiano Juliano Moreira. Transferido para o Rio de Janeiro em 1903, sua figura impôs-se ao centro de um grupo no qual se destacavam Afrânio Peixoto, Antonio Austregésilo e Henrique Roxo. Juliano Moreira, por sua vez, trouxe, da Alemanha, onde estudou, a influência de Emil Kraepelin (1856-1926). O modelo de Kraepelin é essencialmente organicista, com uma preocupação muito grande pela

* UFSC-Departamento de História

classificação das doenças mentais. Nos anos 1920, a influência do organicismo de Kraepelin vinha, em alguns casos, ao encontro de uma formação ainda altamente tributária do positivismo. Foi o que detectou Elizabete Mokrejs, nos casos de Antônio Austregésilo e Henrique Belfort Roxo (Mokrejs,1993). Este último, catedrático de medicina psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, imprimia sua orientação sobre as novas gerações, sendo totalmente esperada a reação contrária a uma tese que ousava contradizer essa formação. Roxo, organicista à Kraepelin e partidário do positivismo, pensava que a psiquiatria não devia debruçar-se sobre “questões da alma”, vistas como resquícios de “fatos misteriosos”, tributários da metafísica e, portanto, acientíficos. Os critérios de cientificidade dos fenômenos eram impostos, na sua visão, a partir dos domínios da anatomia e da fisiologia (Mokrejs, p. 107). Em 1921, Henrique Roxo lançou a primeira edição do seu “Manual de Psiquiatria”, no qual o assunto espiritismo aparecia com uma importância enorme, merecendo, inclusive um capítulo. (Roxo, 1946). Para o autor o espiritismo estaria ligado ao surgimento de uma modalidade peculiar de doença mental, altamente constatável na clínica médica, a partir de um delírio, segundo o autor, comumente desenvolvido “pela frequência de sessões de espiritismo”. (Roxo, 1946, p. 148). Henrique Roxo reproduzia, por outro lado, uma tendência por nós já detectada, tanto no discurso médico quanto no católico: remeter a condenação ao espiritismo às sobrevivências fetichistas africanas. Como resquícios do atavismo negro, a tendência brasileira ao espiritismo era remetida ao que de pior havia na sociedade, em um momento em que a raça, como chave explicativa da realidade nacional, não estava totalmente sepultada. Assim, ao descrever uma sessão espírita refere-se Roxo: “Vê-se muito frequentemente o que se observa no cinema, nessas danças de negros, com seus movimentos extravagantes, suas contorsões e seus gestos” (Roxo, 1946, p. 469). Para Jurandir Costa, os psiquiatras brasileiros, herdeiros de Kraepelin e Juliano Moreira, iriam aprofundar o determinismo biológico, não se limitando a simplesmente explicar os fundamentos psíquicos e culturais da sociedade, mas “determinar o modo concreto de organização e funcionamento de todas as instituições sociais, desde a família até o estado” (COSTA, 1976, p. 27). Sendo assim, Roxo vai defender a erradicação dos três fatores por ele julgados determinantes para o avanço da alienação mental no Brasil: a sífilis, o alcoolismo e o espiritismo. Portanto, a partir desse lugar institucional não havia a menor

possibilidade de tolerância a uma tese que se mostrava totalmente favorável ao espiritismo, considerado patologia social das mais graves, por Roxo.

Se o espiritismo era remetido, pelo catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro à condição de patologia mental, denunciadora do atraso nacional, a elite espírita, há muito que desenvolvia um esforço contrário. A Federação Espírita Brasileira e os intelectuais espíritas tentavam aprofundar o diálogo tentado por Allan Kardec com a ciência. Brasília Marcondes Machado não vai fugir à tendência. Para ele, o espiritismo deveria ser estudado, não em oposição à ciência, mas buscando nela os seus fundamentos. Sendo assim, aprofundava a representação do espiritismo como doutrina aparentada com a modernidade, capaz de embasar-se na razão e na experimentação. Por isso, o doutorando vai partir para uma missão inglória: provar pelos mesmos postulados da medicina materialista os fundamentos do espiritismo, como a sobrevivência da alma e a possível comunicação entre vivos e mortos. A tese de Machado refutava, principalmente os fundamentos da tese de Joseph Grasset (1849-1918), que tentara explicar, pela anatomia cerebral, os chamados “estados alterados da consciência”. Grasset defendia a coexistência de dois psiquismos: um superior, sede da razão; e outro inferior, domínio do inconsciente, origem do comportamento automático e centro dos sentidos e dos movimentos. O cérebro era representado como uma pirâmide de base poligonal. No vértice da pirâmide estava nucleado o psiquismo superior e na base poligonal, o inferior. Os fenômenos mediúnicos aconteciam, para Grasset pela desagregação entre os dois psiquismos, desenvolvendo os médiuns, a imaginação poligonal, inferior. Grasset dizia que seria a memória e a imaginação poligonal do próprio médium que engendraria todas as outras personalidades surgidas a partir do transe mediúnico. O médium, então, criaria enredos, personagens, numa sofisticação tão incrível, que Grasset referia-se a esses fenômenos como verdadeiros “romances poligonais”.

Se criticava as idéias de Grasset, Brasília Marcondes Machado vai partir exatamente das mesmas idéias para tentar comprovar a veracidade dos fenômenos espíritas. Dessa forma, Machado vai acrescentar ao centro, sede do psiquismo superior, da razão, vértice da pirâmide com que Grasset representava o cérebro, um outro centro “virtual”, que denominou de superconsciente. Esse superconsciente seria dotado da capacidade de emancipação total do centro físico superior, do vértice da pirâmide, o que aconteceria com

a morte. Brasília Machado, portanto, acrescenta ao que denominava de “consciente fisiológico” de Grasset, um superconsciente, com capacidade de sobreviver à morte física. Dessa forma, tentava demonstrar a possibilidade de sobrevivência do pensamento, da vontade e da razão, à morte física, mas também os fenômenos mediúnicos, encarados como manifestações do superconsciente dos mortos, que se manifestariam pela intermediação dos médiuns (MACHADO, pp. 19-25). Tentando desautorizar os romances poligonais de Grasset, Machado vai estudar a psicografia do médium português Fernando de Lacerda. Para o doutorando, as páginas atribuídas a Eça de Queiroz, padre Antônio Vieira, Camilo Castelo Branco e Napoleão não eram frutos do psiquismo inferior, da imaginação do médium. Machado defende, candidamente, que a existência de estilos literários próximos a esses autores e de temáticas completamente diferentes bastariam para comprovar a autenticidade da autoria espiritual das mesmas. Ora, por um lado, os argumentos apresentados pelo doutorando, não estavam centrados na ciência materialista, contrariando, portanto, o seu objetivo inicial, que era o de comprovar a autenticidade dos fenômenos espíritas apelando para essa mesma ciência materialista. Quando propõe o esquema complementar a Grasset, baseia-se, antes de mais nada, na sobrevivência da alma, que aparece como uma idéia auto-subsistente em seu trabalho. Apontando para uma discussão metafísica, sua tese agredia frontalmente a formação positivista de Henrique Belfort Roxo, autoridade máxima em medicina psiquiátrica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Longe estávamos das críticas de Karl Popper à blindagem da ciência positivista à metafísica, reconhecida pelo autor como capaz de impulsionar a pesquisa científica (Popper, 2004). Quem julgou a tese de Machado, remetia a metafísica a estágios inferiores do conhecimento, adotando uma postura evolutiva do conhecimento. Negando o que diz ser o reducionismo de Grasset, uma vez que “nosso eu não é simples produto do mecanismo anátomo-patológico” (MACHADO, 34), o doutorando refutava, igualmente, a tese de Théodore Flournoy (1854-1920), aumentando a dicotomia entre academia e sua crença. Isso em um momento da estruturação da ciência psiquiátrica, no qual, segundo Mokrejs os psiquiatras brasileiros primavam pelo ecletismo, fazendo questão de, mesmo superficialmente, mostrar sintonia com diferentes modelos europeus (MOKREJS, 1993) Flournoy estudou os fenômenos espíritas, concluindo que as lembranças e o inconsciente do médium serviam de material para o que chamava de “romances subliminares”, capazes

de expressar desejos recalcados. Flournoy criticava Kardec, que, segundo sua visão, creditava aos espíritos o que poderia ser compreendido a partir da própria realidade do médium, buscando-se nas profundezas da não consciência, no mundo subliminal, o fundamento dos fenômenos espíritas. Por outro lado, para Flournoy, o espiritismo estava completamente distanciado da moderna psicologia experimental ao advogar a simplicidade psíquica do homem. Essa idéia, para Flournoy, havia sido sepultada pelo avanço científico do século XX, revelando a complexidade do “eu”, capaz de apresentar uma multiplicidade empírica e uma capacidade de metamorfose não cogitada antes dos estudos da psicologia experimental (FLOURNOY, 1911, p. 471). A refutação da tese de romance subliminar de Flournoy é feita por Machado, acentuando sua defesa do espiritismo identificando-se totalmente contrário à academia que o deveria avaliar:

Dar-nos-ia ares de importância o romance subliminar, porque este subliminar + Flournoy são bonitas palavras que caem muito bem; mas utilizadas pela modéstia de um espírita, ficaria assim como um fraque bem talhado envergado por um mendigo de pés descalços e calças rotas. Preferimos o nosso amarrotado casaco de ver a Deus...poético e tocante... (MACHADO, 1922, p. 201)

Em contraposição, Machado vai endossar os ensinamentos do médico e espírita cearense Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900), cognominado o “Kardec brasileiro”. Bezerra de Menezes escreve, no final do século XIX a obra “A loucura sob novo prisma”, evidenciando o papel do espiritismo em uma nova etiologia da loucura. Segundo a obra, o fundamento de numerosos casos de demência podia ser creditado à ação persecutória de espírito(s) sobre o doente. Essa atuação, que denomina de obsessão poderia ser neutralizada, através da doutrinação do espírito obsessivo, que configurava a terapêutica da desobsessão. Este tratamento consistia em fazer o espírito perseguidor conhecer a lei do carma, “pela qual terá que pagar em dores, todas as que tem feito sua vítima sofrer” (BEZERRA DE MENEZES, 1946, p. 185).

A defesa da “psicoterapia transcendente” de Bezerra de Menezes, além dos ataques explícitos ao organicismo, trazia consigo a oposição a nomes familiares à corporação médica, como o de Franco da Rocha. Machado opunha-se às suas idéias, reveladas na obra “O pansexualismo na doutrina de Freud”. Referindo-se à interpretação dos sonhos pela psicanálise, Franco da Rocha chamava de beócios àqueles que encaravam os sonhos como revelações possíveis de contato com espíritos, ligados a “preconceitos populares,

superstições, concepções mitológicas” (APUD MACHADO, 1922, p. 113). Provocativamente, Brasília Machado fundamenta seu ataque às idéias de Franco da Rocha no astrônomo e espírita francês Camille Flammarion. Mais precisamente, cita o discurso que Flammarion pronunciou junto ao túmulo de Kardec, por ocasião da sua morte:

Com que direito, pois, pronunciaremos a palavra “impossível” diante dos fatos que testemunhamos, sem podermos descobrir a causa única? A ciência fornece-nos dados tão autorizados como os precedentes sobre os fenômenos da vida e sobre a força que nos anima. Basta-nos considerar a circulação das existências. (APUD MACHADO, 1922, p.119)

Obviamente, ao opor Flammarion a Franco da Rocha; a “psicoterapia transcendente” de Bezerra de Menezes à noção organicista de doença mental praticada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a reprovação de Brasília Marcondes Machado era evidente. Seu afastamento de um “regime de verdade” (FOUCAULT, 1996) que abrigava a produção científica daquela instituição a impedia completamente de contemporizar com suas idéias. Fica para nós o registro de uma luta solitária, quixotesca, de um homem com ousadia suficiente para afrontar a verdade historicamente possível e sua chancela institucional.

Referências Bibliográficas:

- BEZERRA de MENEZES, Adolpho. 2^a. edição A loucura sob novo prisma. Estudo psíquico-fisiológico. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 1946
- CORREA, Marisa. As ilusões da liberdade. A escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Bragança Paulista: EDUSF. 1998
- COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil. Um corte ideológico. 2^a. edição. Rio de Janeiro: Editora Documentário. 1976
- FLOURNOY, Théodore. Esprits et mediums: mélanges de métapsychique et de psychologie. Genève: Kunding, 1911
- FOUCAULT, Michel A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996
- GIUMBELLI, Emerson. O cuidado dos mortos. Uma história de condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997
- GRASSET, Joseph. L’hypnotisme et la suggestion. 3a. edição. Paris: O . Doin, 1909

ISAIA, Artur Cesar. João do Rio: o flâneur e o preconceito. Um olhar sobre o transe mediúnico na capital federal de inícios do século XX, em MARIN, Jerri Roberto (org.) Religiões, religiosidades e diferenças culturais. Campo Grande, Universidade Católica D. Bosco. 2005

MACHADO, Brasílio Mardondes. Contribuição ao estudo da Psiquiatria. Espiritismo e Metapsiquismo. Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tese de doutorado em Medicina. 1922

MOKREJS, Elisabete. Psicanálise no Brasil. As origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes. 1993

MOREL, Pierre. Dicionário PSI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997

PIMENTEL, Oscar dos Santos. Em torno do Espiritismo. Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tese de doutorado em Medicina. 1919

POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. 17^a. edição. São Paulo: Pensamento-Cultrix. 2004

ROXO, Henrique de Brito Belfort. Manual de Psiquiatria. 4^a. edição. Rio de Janeiro: Guanabara. 1946

VENANCIO, Ana Teresa A.. CARVALHAL, Lazara. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira, em JACÓ-VILELA, Ana Maria et al. (orgs.) Clio-Psyché ontem. Fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ. 2001

WANTUIL, Zeus. Grandes espíritas do Brasil. 4^a. edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2002